

**A cultura no centro do debate**, por Rudifran Pompeu<sup>61</sup>.

**Resumo:** o texto apresenta algumas dificuldades concernentes à produção teatral decorrente, sobretudo, da pouca importância conferida por parte do poder público à linguagem. No sentido de demonstrar a tese apresentada os percentuais investidos em cultura caracterizam-se em evidência cabal. Nesse sentido, além da ampliação de recursos é fundamental a criação de uma política pública para os investimentos na área e a consciência dos produtores no sentido de não brigarem entre si.

**Palavras-chave:** política pública para a cultura, arte e consciência classista, produção artística e militância, teatro de grupo.

**Abstract:** the text presents some difficulties concerning the theatrical production, mainly due the low importance given by the government to language. In order to demonstrate the thesis presented the percentages invested in culture characterized in full evidence. In this sense, besides the expansion of resources to create a public policy is critical for investment in the area and awareness of producers to not fight among themselves.

**Keywords:** public policy for culture, art and class consciousness, artistic production and militancy, theater group.



Foto de Bob Sousa. Grupo Redimunho de Investigação Teatral. Elenco em *Marulho*.

<sup>61</sup> Rudifran Pompeu é diretor e dramaturgo do Grupo Redimunho de Investigação Teatral, escreveu e dirigiu os espetáculos *A casa* (Premio APCA de melhor autor em 2006), *Vesperais nas janelas* (2007), *Marulho: o caminho do rio...* (Premio APCA de melhor autor em 2011), *Tareias: atrás do vidro verde tem um mundo que não se vê...* (Premio CPT 2013 de melhor elenco e melhor espetáculo apresentado em rua). Atualmente, é presidente da Cooperativa Paulista de Teatro e milita na área da cultura desde 1985.

Que a Cultura não é prioridade para os governos nós já sabemos. A questão que permanece é: como mudamos isso? O que buscamos em nossa militância na Cooperativa Paulista de Teatro é o entendimento da Cultura como necessidade básica, como uma prioridade de Estado.

Essa busca militante passa pela pressão contínua para que as gestões públicas assumam essa prioridade em forma de ato e atitude política, para que esse quadro indecoroso possa ser revertido. O que aprendemos com tantos anos de luta pela Cultura é que não dá para acreditar numa política que se realiza dentro dos gabinetes. É preciso ouvir as ruas e criar a sintonia entre os artistas, que constroem com sua prática artística a identidade e a cidadania culturais, e a política institucional, muitas vezes surda ao clamor dos fazedores de arte e cultura.

Nesse intuito, tentemos entender o que está colocado em termos de políticas públicas para o Estado de São Paulo e seus 645 municípios.

O orçamento para o Estado no ano de 2014 foi algo na ordem de 200 bilhões de reais. Desses valores uma quantia perto de 900 milhões foi para a pasta da Secretaria de Estado da Cultura, o que significa menos de 0,5% do total. Meio por cento.

Esse diagnóstico rápido permite perceber que Cultura não é matéria importante para o governo do Estado de São Paulo. Basta abrir a peça orçamentária para ver o que é prioridade de um determinado governo. Não quero aqui falar mal desse ou daquele gestor, mas é preciso enfatizar que nosso adversário é poderoso e não é uma pessoa ou um governo específico. Nossas dissonâncias, hoje, nossas discordâncias internas, só fortalecem o real inimigo que, a meu ver, é justamente o pensamento majoritário que não entende a Arte e a Cultura como prioridades. Infelizmente, esse inimigo domina as esferas do poder Executivo e Legislativo no Estado.

É importante dizer também que o que queremos não é só um aumento de recursos, mas um horizonte. Um pensamento de política cultural mais robusto e fortalecido; queremos pensar a cidade e as relações para além do entretenimento, queremos a formação capaz de elaboração crítica. Queremos trazer a cultura para o centro do debate!

Como seriam a cidade e o Estado se pudéssemos discutir nossas produções e nosso modo de produzir? Como seria mais “profundamente importante” se pudéssemos proporcionar a disputa do pensamento e a reflexão acerca de nosso ofício, de nossas preferências e de nossa causa? Mas de que causa estamos falando, afinal? Na verdade, queremos uma cidade e um Estado mais feliz e menos cinza, queremos a liberdade das

ruas, queremos condições para produzir e criar nossa arte com liberdade, queremos projetos de formação que atravessem as regiões além do imaginário cultural, queremos criar um sistema público capaz de suprir as demandas que temos e que provem das periferias com seus fluxos no centro... Queremos e buscamos uma política pública de Estado e não de governo, queremos política estruturante com possibilidades de ampliar os nossos horizontes para além da luta por recursos, queremos definitivamente disputar o pensamento da cidade.

### **O que nos atrapalha é, de novo, a velha política que desagrega**

Pois somos ocupados a todo instante por pequenas fogueiras e estamos o tempo todo a jogar água na fervura e ainda não conseguimos apontar nossas flechas para quem de fato nos ignora ou tenta nos afastar da luta. Ainda que esteja errado, não consigo ver gente de teatro como inimigo de classe, posso ver como desavisados alguns companheiros que disputam a farinha que está miúda e minguada, mas isso ainda não os faz meus inimigos, acredito ainda que poderemos nos organizar melhor e fazer a luta justa contra o real inimigo que, do lado do banqueiro, se organiza através da nossa desorganização.

Como podemos avançar e reunir forças para pautar o Estado em nossas reivindicações? Esta é a questão. E creio que isso também está ligado ao nosso modo de nos relacionarmos com a cidade. E com os nossos concidadãos, claro. Aquele que é nosso público em potencial, mas às vezes parece nosso inimigo.

E então, qual o programa que temos para a Cultura e o que de fato estamos colocando dentro desse termo, que é gigantesco?

Será que talvez tenhamos de focar sobre o que estamos entendendo como Cultura? Estamos falando de Arte? E por que precisamos fazer isso? Aliás, o que é isso exatamente? A Arte que vem da academia é única? Não existe vida fora dela? São questões que lanço para que possamos rever sobre o que estamos falando exatamente.

De toda forma, numa questão eu tenho a certeza: que estamos juntos! Não somos inimigos!

Pensar diferente e estar por vezes divergindo ainda não nos faz inimigos!

Meu desejo é que um dia possamos nos reagrupar com o pensamento mais plural e capaz de agregar os companheiros em alinhamentos possíveis, porque desde pequeno eu já sei que precisamos nos organizar para as nossas reivindicações, porque governo é que nem feijão: só funciona na pressão.